

# Testemunhas denunciam execuções e torturas no Rio: "carnificina"

[agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-10/testemunhas-denunciam-execucoes-e-torturas-no-rio-carnificina](https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-10/testemunhas-denunciam-execucoes-e-torturas-no-rio-carnificina)

29 de outubro de 2025

## [Direitos Humanos](#)

Operação Contenção contabiliza mais de 100 mortos



© Fernando Frazão/Agência Brasil

A [operação policial](#) realizada nesta terça-feira (28) contra o tráfico de drogas nos complexos da Penha e do Alemão, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, foi marcada por execuções e torturas e classificada como carnificina por moradores, parentes dos mortos e pela Associação de Moradores do Parque Proletário da Penha.

A reportagem da **Agência Brasil** esteve no local e entrevistou testemunhas que tentaram socorrer as vítimas nas primeiras horas ou ajudaram na remoção dos corpos. Segundo a contagem oficial do governo do estado, são [ao menos 119 vítimas](#). É a operação mais letal da história da capital fluminense.

**Para impedir a fuga dos suspeitos, a estratégia das polícias foi invadir as comunidades e montar "um muro" com agentes do Batalhão de Operações Especiais (Bope), bloqueando a fuga pelo alto da mata que circunda as duas comunidades.** No local, segundo os relatos, se deu o confronto mais violento, com sinais de tortura e execução de

dezenas de corpos resgatados e dispostos na manhã de hoje em frente à associação comunitária, na Praça São Lucas, na localidade conhecida por Vila Cruzeiro.

"A gente ouviu os gritos e pedidos de socorro e subiu para ajudar. Eu moro perto. Entrei na mata 3h da manhã.", contou um morador. O homem, de 25 anos, que preferiu não se identificar, contou que, naquele momento, a polícia ainda estava no local e tentou impedir a ajuda.

"Eles não paravam de dar tiro, tacar bomba de gás [lacrimogêneo] e, em muitos momentos, a gente teve que se proteger. Eles dando tiro, a gente se escondendo no meio dos corpos para prosseguir", relatou.

A testemunha esteve, mais cedo, no Instituto Médico-Legal (IML) para tentar liberar o corpo de um primo, morto na operação. Na tentativa de socorro, o homem revelou que o cenário na mata era desolador.

"A gente encontrou muitos mortos sem camisa, fuzilados, com mãos e dedos decepados e também decapitados. Eu vi bem uma cabeça que estava entre os galhos de uma árvore e o corpo jogado no chão", disse.

Ele mostrou à reportagem o vídeo da vítima encontrada nessas condições, identificada como Ravel. Fotógrafos que estiveram na área mais cedo também encontraram vítimas mortas com a cabeça cortada por faca.

**Segundo a testemunha, os moradores que participaram do resgate acessaram ainda celulares encontrados no local ou receberam áudios das vítimas contando que tinham se rendido, antes da execução, contrariando a versão do governo do estado de que os mortos foram vitimados em confronto.**

"Vocês viram os vídeos dos meninos saindo do bunker, ontem, se entregando? Eles não são um terço dos que se entregaram. Teve gente que pediu perdão, se ajoelhou, jogou os fuzis, mas foi morta".

O presidente da associação comunitária de Parque Proletário, Erivelton Vidal Correa, em entrevista na sede da entidade, na Penha, confirmou o depoimento da testemunha ouvida pela **Agência Brasil** e disse que desde às 19h da noite de terça, as famílias tentavam subir a mata para ajudar as vítimas. Ele avaliou que, se o socorro tivesse chegado antes, possivelmente, o número de mortos poderia ter sido menor.

A entidade chegou a levar seis baleados para o Hospital Estadual Getúlio Vargas, ontem, mas eles chegaram mortos à unidade.

"Retiramos um total de 80 corpos da área conhecida como Mata da Pedreira, com o nosso sistema, nossa mão de obra. Pedimos aos moradores que trouxessem lençóis, toalha, canga, o que tivessem, para ajudar com as remoções", contou Correa.



Rio de Janeiro (RJ), 29/10/2025 - Erivelton Vidal Correa, presidente da Associação Comunitária do Parque Proletário da Penha, Operação Contenção. Foto: Tânia Rêgo/Agência Brasil

## Tortura

---

O presidente da associação também confirmou os sinais de tortura e execuções: "Muitos corpos deformados, com perfurações no rosto, perfurações de faca, cortes de digitais, dois corpos decapitados, a maioria dos corpos não tinha face, essa era a condição". Entre eles, o de dois irmãos manauaras. "Eles foram mortos abraçados com um tiro na cara cada um e tiveram as digitais cortadas".

Segundo Correa, durante todo o período de 11 anos que esteve na associação da Penha, ele nunca tinha se deparado com cenário tão violento. "Foi uma arbitrariedade muito grande. A gente sabe que o Estado tem que trabalhar, mas trabalhar direito, o que aconteceu aqui foi um genocídio, uma carnificina", disse.

"Eu não estou aqui para falar das escolhas de vida de cada um. Não estou aqui para falar nem mal, nem bem, da polícia ou do tráfico. Agora, todos os corpos que nós pegamos ali, antes, eles estavam vivos nas mãos deles [da polícia]. Eles podiam prender, mas não, mataram e largaram no mato".

Essa é a mesma opinião de Paula\*, uma moradora que acompanhou a chegada dos corpos à sede da associação. "Foi um esculacho desnecessário. Se eles [polícia] vieram para fazer busca e apreensão, tinham que ter feito, e não matar a facada, tirar a cabeça, além dos policiais, os que estavam aqui também têm família, mãe, pai, esposa, filhos. E foram encontrados neste estado", disse.

**Entre as vítimas, além de suspeitos de tráfico de drogas, Vidal Correa denuncia que há moradores.**

"São pessoas daquela região, que a gente chama de 'lá de trás' e que criavam cavalos. Eles vão no mato buscar comida para os animais. Então, infelizmente, estavam no momento errado, na hora errada e sofreram perdendo a vida", denunciou. "Esperamos que isso seja esclarecido", completou. Hoje mesmo o IML começou o reconhecimento e liberou os primeiros corpos para enterro.

Perguntado sobre a razão de a polícia ter optado por deixar as vítimas mortas no local e até impedido o socorro, Vidal acredita que a opção foi para não gerar provas. "Se levassem para o hospital ou chamado a delegacia, ia comprovar o genocídio. Era mais conveniente largar para trás", completou.



**Rio de Janeiro (RJ), 29/10/2025 - Luiz Fernando Argivaes, agente funerário da Vila Cruzeiro, durante protesto de moradores contra execuções na comunidade da Vila da Penha. Foto: Tânia Rêgo/Agência Brasil**

A **Agência Brasil** também ouviu o dono de uma agência funerária que atua na comunidade há 22 anos. Fernando Argivaes coordenou um grupo de seis pessoas que ajudou no resgate e deu o mesmo relato: "O estado dos corpos é precário. Foi uma verdadeira chacina, uma carnificina", disse. Eles encontraram pessoas mortas na mata, entre as pedras e chegaram a usar uma escada de eletricista. "Os corpos ficaram lá no meio do mato, na pedreira, gente que foi executada no local, pela maneira que foi, não foi auto de resistência (em confronto). Estavam escondidos e foram executados quando encontrados.



Foi Fernando que chegou ao corpo dos dois irmãos de Manaus mortos abraçados e fez a remoção. Ele informou que haverá o traslado dos mortos, assim que houver a liberação pelo IML. A maior parte dos corpos deve ser liberada somente amanhã (30), a partir da identificação pela Polícia Civil.

Mães de mortos também questionaram a operação e denunciaram execuções de rendidos. "Está ouvindo os tiros?", pergunta Elizângela Silva à reportagem, enquanto exibe um vídeo de celular gravado de dentro da mata. "Eles estavam vivos quando a gente tentou subir a mata e a polícia jogou tiro contra nós". Ela é vizinha da mãe de uma das vítimas. "O menino pediu ajuda de manhã: 'mãe, me ajuda, pelo amor de Deus', mas chegou de noite, eles pegaram e mataram todos que estavam lá". [Outras mães](#) também denunciaram arbitrariedade contra jovens que já tinham se rendido.

## Operação Contenção

---

A Operação Contenção, realizada pelas polícias Civil e Militar do Rio de Janeiro, deixou 119 pessoas mortas, sendo 115 civis e quatro policiais, de acordo com o último balanço. O governo do estado considerou a operação ["um sucesso"](#) e afirmou que as pessoas mortas reagiram com violência à operação, e aqueles que se entregaram foram presos. No total, foram feitas 113 prisões, sendo 33 de presos de outros estados. Foram recolhidas 118 armas

e 1 tonelada de droga. O objetivo era conter o avanço da facção Comando Vermelho e cumprir 180 mandados de busca e apreensão e 100 de prisão, sendo 30 expedidos pela Justiça do Pará.

A operação contou com um efetivo de 2,5 mil policiais e é [a maior realizada no estado nos últimos 15 anos](#). Os confrontos e as ações de retaliação de criminosos geraram pânico em toda a cidade, com intenso tiroteio, fechando as principais vias, escolas, comércios e postos de saúde.

Na coletiva de imprensa, durante a tarde, na Cidade de Polícia, o secretário de Segurança Pública, Victor dos Santos, disse que os policiais seguiram as normas vigentes e que os desvios serão apurados. "O que as famílias falam, reclamam, denunciam, claro que são objeto de declarações junto às delegacias e foram instalados inquéritos para apurar esses confrontos, mas deixando claro que em todos esses inquéritos os policiais são vítimas, autores são os criminosos", declarou, negando as execuções.

*\* Nome fictício para preservar a identidade da vítima.*

*\*texto ampliado às 12h07 de 30/0/2025*